

## VULNERABILIDADES DOS ADOLESCENTES DIANTE DA CULTURA DA VAIDADE E AS IMPLICAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO SOCIOMORAL

ADOLESCENT VULNERABILITIES IN THE FACE OF VANITY CULTURE AND IMPLICATIONS ON SOCIOMORAL DEVELOPMENT

VULNERABILIDADES DE LOS ADOLESCENTES FRENTE A LA CULTURA DE LA VANIDAD Y SUS IMPLICACIONES EN EL DESARROLLO SOCIOMORAL

Rogério Melo de Sena Costa<sup>1</sup>  
Ana Lúcia Hermosilla Tamura<sup>2</sup>  
Jaqueline Roberta de Souza<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente ensaio tem o objetivo de defender a seguinte tese: a cultura da vaidade intensifica a vulnerabilidade e prejudica o desenvolvimento sociomoral dos adolescentes. Para tanto foram explorados teoricamente e inter-relacionados os conceitos de vulnerabilidade, desenvolvimento sociomoral e cultura da vaidade, tendo como recorte de análise a fase da adolescência. Dentre as vulnerabilidades dos adolescentes destacaram-se aquelas decorrentes de interações através das novas tecnologias de informação e comunicação. Argumentou-se que, em termos de desenvolvimento humano, a qualidade de tais interações é questionável, pois não favorecem a autonomia moral.

**Palavras-chave:** Vulnerabilidade. Adolescente. Moralidade. Vaidade. Educação.

4464

**ABSTRACT:** The present essay aims to defend the following thesis: the culture of vanity intensifies vulnerability and hinders the sociomoral development of adolescents. Therefore, the concepts of vulnerability, sociomoral development, and the culture of vanity were theoretically explored and interrelated, with a focus on the adolescent phase. Among the vulnerabilities of adolescents, those resulting from interactions through new information and communication technologies. It was argued that, in terms of human development, the quality of such interactions is questionable, as they do not promote moral autonomy.

**Keywords:** Vulnerability. Adolescent. Vanity. Morality. Education.

**RESUMEN:** El presente ensayo tiene como objetivo defender la siguiente tesis: la cultura de la vanidad intensifica la vulnerabilidad y perjudica el desarrollo sociomoral de los adolescentes. Para ello, se exploraron teóricamente e interrelacionaron los conceptos de vulnerabilidad, desarrollo sociomoral y cultura de la vanidad, centrándose en la fase de la adolescencia como recorte de análisis. Entre las vulnerabilidades de los adolescentes, se destacaron aquellas derivadas de las interacciones a través de las nuevas tecnologías de la información y la comunicación. Se argumentó que, en términos de desarrollo humano, la calidad de dichas interacciones es cuestionable, ya que no favorecen la autonomía moral.

**Palabras clave:** Vulnerabilidad. Adolescente. Vanidad. Moralidad. Educación.

<sup>1</sup>Doutorando em Educação - UNESP - Marília - SP.

<sup>2</sup>Doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem - UNESP - Bauru - SP..

<sup>3</sup>Mestre em Educação - UENP - Jacarezinho - PR.

## INTRODUÇÃO

O presente ensaio tem o objetivo de defender a seguinte tese: a cultura da vaidade intensifica a vulnerabilidade e prejudica o desenvolvimento sociomoral dos adolescentes. Para tanto foram explorados teoricamente e inter-relacionados os conceitos de vulnerabilidade, desenvolvimento sociomoral e cultura da vaidade, tendo como recorte de análise a fase da adolescência. Dentre as vulnerabilidades dos adolescentes destacaram-se aquelas decorrentes de interações através das novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs). Argumentou-se que, em termos de desenvolvimento humano, a qualidade de tais interações é questionável, pois não favorecem a autonomia moral.

Este ensaio foi estruturado nas seguintes seções subsequentes: desenvolvimento, discussão e considerações finais. O desenvolvimento deste ensaio foi organizado nas seguintes subseções: vulnerabilidade na adolescência, com fundamentação na taxonomia da vulnerabilidade de Mackenzie (2014); desenvolvimento sociomoral e educação de adolescentes, com fundamentação nas principais ideias sobre moralidade humana na perspectiva construtivista, sobretudo nos estudos inspirados na obra de Piaget (1999), de autores como Turiel (1984); e adolescentes e cultura da vaidade, com fundamentação em La Taille (2009). A discussão deste ensaio foi organizada nas seguintes subseções: a cultura da vaidade intensifica a vulnerabilidade dos adolescentes; e a cultura da vaidade prejudica o desenvolvimento sociomoral dos adolescentes. A estratégia de análise foi argumentar a favor dessas duas relações para, então, concluir em defesa da tese citada. Nas considerações finais foram feitos alguns apontamentos sobre a importância de se minimizar as condições de vulnerabilidade a partir de iniciativas públicas, sobretudo aquelas que garantam os direitos e promovam o desenvolvimento sociomoral dos adolescentes.

4465

## DESENVOLVIMENTO

### VULNERABILIDADE NA ADOLESCÊNCIA

Em conformidade com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no artigo 2º, é considerada adolescente a pessoa com idade entre 12 anos completos e 18 anos de idade incompletos (BRASIL, 1990). A partir desta lei foi inserida a Doutrina de Proteção Integral, o artigo 98º, nas disposições gerais relativas às medidas de proteção, prescreve que “as medidas de proteção à criança e ao adolescente são aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos nesta Lei

forem ameaçados ou violados”, o que nos leva inferir que ao haver ameaça ou violação de um direito do adolescente há um perigo, risco ou vulnerabilidade associada a ele.

Embora não haja um consenso a respeito de seu início e término, a adolescência é o período de transição entre a infância e a vida adulta, no qual a personalidade é consubstanciada (EISENSTEIN, 2005). Trata-se de um processo de desenvolvimento em estágios, com mudanças biológicas, cognitivas e psicológicas (MOSHMAN, 2019). Sendo assim, a adolescência deve ser encarada como uma fase de desenvolvimento do indivíduo, marcada por transformações físicas, cognitivas, afetivas e psíquicas, na qual podem ocorrer oscilações de humor, ansiedade e incertezas, por exemplo, colocando-o dentro de um contexto de vulnerabilidade pessoal e social.

Uma das características do ser humano nesta faixa etária é a tendência grupal e busca pela sua identidade, ele procura novas identificações para construção de sua própria. O adolescente manifesta comportamentos inquietantes e algumas vezes até preocupantes, negligenciando sua própria saúde, o que acarreta um problema com a família e responsáveis, tendo em vista que muitas vezes os adolescentes acabam sendo fragilizados e submissos às diversas ofertas do ambiente físico e social do qual fazem parte, experimentando vários papéis, condutas e situações sociais que os direcionam na busca de sua identidade.

A Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1948, definiu a saúde como o completo estado de bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença. Constata-se que a saúde é traduzida como qualidade de vida, a depender de diversos fatores, como condições sociais, econômicas e ambientais nas quais o indivíduo se encontra. O estado de vulnerabilidade de muitos adolescentes contrasta com essa definição, uma vez que prejudica a qualidade de vida destes.

A vulnerabilidade é um conceito com diversas interpretações, sendo necessário o aprofundamento através dos estudos especializados na temática. No sentido etimológico-conceitual, o termo vulnerabilidade possui origem latina na palavra *vulnus*, cujo significado é ferida. Sob esse prisma, o vulnerável é aquele suscetível de ser ferido.

O conceito de vulnerabilidade perpassa pela ideia de fragilidade e de maior exposição de alguém a ser acometido por doenças ou por situações de agressões, sejam físicas ou psicológicas. Assim, todos os seres humanos são vulneráveis, pois são passíveis a danos, doenças ou serem prejudicados/explorados por outros.

Mackenzie (2014) afirma que a vulnerabilidade é inerente à condição humana e surge de nossas naturezas encarnada, social e afetiva. Nessa perspectiva, a autora reitera que muitos tipos

de vulnerabilidade não são apenas o resultado de processos biológicos inevitáveis, mas de relações interpessoais e sociais ou estruturas econômicas, legais e políticas. Goodin (1985 apud MACKENZIE, 2014) alega que toda dependência ou vulnerabilidade é indubitavelmente criada ou sustentada, pelo menos em parte, pelos arranjos sociais existentes e nunca é totalmente natural.

Mackenzie (2014) defende uma taxonomia de diferentes fontes e estados de vulnerabilidade. Quanto às fontes, haveria: a vulnerabilidade inerente, que são os tipos de vulnerabilidade inerradicáveis e, portanto, apenas instituições sociais e políticas não os eliminam; a vulnerabilidade situacional, que é específica do contexto e é causada ou exacerbada por fatores sociais, políticos, econômicos ou ambientais (pode ser de curto prazo, intermitente ou duradoura); e a vulnerabilidade patogênica, que se traduz como um subconjunto da vulnerabilidade situacional, o que Goodin (1985 apud MACKENZIE, 2014) chama de todas aquelas vulnerabilidades e dependências moralmente inaceitáveis que devemos, mas ainda não conseguimos eliminar, incluindo vulnerabilidades decorrentes de preconceito ou abuso nas relações interpessoais e do domínio social, opressão ou violência política.

A adolescência, como já mencionada, refere-se a um período em que o ser humano está constituindo sua identidade e em busca de sua autonomia, ao mesmo tempo que é um momento marcado por intensas mudanças, dúvidas e indecisões. Nesse processo encontram-se fatores importantes para avaliar as condições de maior ou de menor vulnerabilidade social, individual ou coletiva. Dentre eles destacamos: a situação econômica, o cenário político, as condições estruturais e sanitárias de moradia, a escolarização e acesso à cultura, a assistência dos serviços de saúde e de segurança pública, a acessibilidade no uso dos serviços de transporte e dos meios comunicação e informação, as oportunidades de inserção no mercado de trabalho e a qualidade das interações que ocorrem por meio das novas tecnologias digitais.

Por consequência, as principais vulnerabilidades que acometem os adolescentes são os riscos inerentes aos problemas relacionados ao uso de álcool e outras drogas, conflitos e agressões nos âmbitos familiar e escolar, infecções sexualmente transmissíveis, gravidez precoce, precariedade na oferta de instituições e serviços públicos, relações violentas entre pares (como a cultura do cancelamento nas redes sociais, o bullying e o cyberbullying) e uso inadequado e irresponsável da internet, principalmente das redes sociais on-line. Nem sempre os adolescentes têm consciência dos perigos e exposição que as redes sociais on-line oferecem, transformando-os em reféns de seu próprio tempo e vulneráveis à era digital, uma vez que não podem

dimensionar as implicações de seus atos no ciberespaço. Além de todos esses riscos, a personalidade e o comportamento peculiar dos adolescentes podem torná-los mais vulneráveis quanto aos aspectos psicológicos e emocionais, como a ansiedade e a depressão, podendo resultar em quadros mais graves e irreversíveis, até mesmo o suicídio. Assim, pode-se afirmar que há uma diversidade de vulnerabilidades na adolescência e que estas são de fontes inerentes, situacionais e patogênicas.

De modo geral, as vulnerabilidades dos adolescentes manifestam-se cotidianamente no contexto familiar e escolar. A escassez de uma educação de qualidade, a violência doméstica, a oferta de bebidas alcoólicas pelos próprios pais, as drogas ilícitas, o abuso sexual, a dificuldade de acesso às políticas públicas que atendam os adolescentes em estado de vulnerabilidade (incapacidade de enfrentar e resolver conflitos ou pressões socioeconômicas de forma autônoma) os prejudicam física e emocionalmente, além de afetar profundamente o desenho de suas trajetórias, de seus projetos de vida.

Mackenzie (2014) elucida que uma teoria da vulnerabilidade também deve identificar as obrigações envolvidas na resposta à vulnerabilidade e os agentes ou instituições que têm a principal responsabilidade pelo cumprimento dessas obrigações. Segundo essa autora, os tipos de obrigação identificados com mais frequência nas discussões sobre vulnerabilidade incluem: o atendimento às necessidades, o fornecimento dos cuidados adequados e instituições que atuem no sentido de minimizar os riscos de danos e evitar a exploração.

4468

## DESENVOLVIMENTO SOCIOMORAL E EDUCAÇÃO DOS ADOLESCENTES

O desenvolvimento humano é multidimensional, sendo a dimensão moral uma das mais essencialmente humanas. No caso dos adolescentes, propiciar o desenvolvimento integral implica investir em sua educação moral. Historicamente as teorias sobre desenvolvimento moral não foram elaboradas de tal forma a considerar a realidade tecnológica digital atual, mas é oportuno se apoiar em tais teorias para melhor compreender as inter-relações entre moralidade e educação. Espera-se que os adolescentes tenham condições de se direcionar para uma vida com significado/propósito e aprender a exercitar princípios universais, seja qual for o ambiente de interação, no espaço físico ou no ciberespaço.

Em seu livro “O juízo moral na criança”, Piaget (1932/1994) estabeleceu as bases teóricas para compreensão de que o desenvolvimento cognitivo e moral da criança/adolescente depende da socialização, da interação com outras crianças/adolescentes, de um ambiente cooperativo e

participativo. Ou seja, Piaget adotou uma perspectiva epistemológica construtivista, na qual a interação entre indivíduo e meio o constitui, não é algo somente inato, nem somente externo. Este autor se dispôs a estudar a inteligência logico-matemática e argumentou que ela é condição necessária, mas não suficiente, para um bom comportamento moral. Ainda afirmou que afeto e cognição são aspectos inseparáveis.

A obra de Piaget inspirou Lawrence Kohlberg a desenvolver a “Teoria do Desenvolvimento Moral” (1958), a partir da necessidade de detalhar mais as condições descritas por aquele como heteronomia e autonomia. Ao longo de sua carreira Kohlberg apresentou a moralidade através de uma abordagem filosófica, psicológica e educacional. Foram descritos três níveis de desenvolvimento moral por este autor (pré-convencional, convencional e pós-convencional), sendo que e cada um desses níveis apresenta dois estágios, totalizando seis estágios: 1- obediência e punição (dependente de regras externas); 2- orientação instrumental-relativista (levar vantagem pessoal); 3- bom menino (adotar uma mesma convenção estabelecida pelo grupo); 4- lei e ordem (conjunto de regras de uma instituição que é levada a cabo, mesmo que não faça sentido); 5- contrato social (visar o bem da maioria, decisão utilitarista); 6- princípio ético universal (de base kantiana: a máxima que me faz agir deve ser universalizável). Georg Lind interessou-se pelo conceito de “competência moral” definido por Kohlberg (relativo ao 4469

---

  
exercício na ação dos mesmos princípios nos quais o indivíduo se baseia para emitir juízos), e elaborou o teste de competência moral MCT (*Moral Competence Test*), em 1977 (BATAGLIA; MORAIS; LEPRE, 2010).

De acordo com a teoria dos domínios sociais de Turiel (1984), as pessoas interagem umas com as outras, definindo, interpretando e julgando as relações sociais; atuam, portanto, ativamente na construção das categorias fundamentais do conhecimento social, em interação com o meio. Constituem-se numa relação recíproca, pois além de estar sob influência do meio, também o modificam, construindo suas organizações sociais e morais. Turiel (1984) propõe que as interações do sujeito com o meio social são mútuas e que os tipos qualitativamente diferentes de eventos que são experienciados produzem três domínios de pensamentos: o psicológico, define-se por conceitos de pessoas ou sistemas psicológicos; o social, provindo dos conceitos de sistemas e relações sociais organizadoras e o moral, definido pelos julgamentos prescritivos de justiça, direitos e bem-estar. A teoria dos domínios sociais de Turiel é importante para diferenciarmos a discrepância existente entre as decisões morais e as funções sócio-organizativas, como por exemplo, o fato da bebida alcoólica ser socialmente aceitável em uma

festa como forma de interação entre colegas, mas ao mesmo tempo quando foge aos parâmetros tidos como aceitáveis, atinge consequências desastrosas tanto para quem ingere este tipo de bebida quanto para os participantes da festa, o que ocasiona um conflito entre as decisões morais e as funções sócio-organizativas.

Pesquisas e outros trabalhos acadêmicos têm sido feitos com a temática do desenvolvimento moral de adolescentes nas escolas. Bataglia (2014), em sintonia com as ideias de Kohlberg e Lind, apresenta a discussão de dilemas morais como uma forma de promover a educação moral dos adolescentes. Borges (2017) avalia a adesão a valores morais (respeito, solidariedade, justiça e convivência democrática) por alunos do ensino fundamental II e médio, identificando uma perspectiva social egocêntrica e indicando que tais valores devem ser trabalhados nas escolas. Kadooka, Lepre e Evangelista (2019) destacam que as NTICs alteraram o processo de desenvolvimento, aprendizagem, interação e comunicação das crianças/adolescentes. Um novo paradigma no qual estariam relativizadas as posições do educador/autoridade e do educando, o que acaba por influenciar o desenvolvimento social, afetivo, moral e cognitivo desses indivíduos. Segundo os autores, os nativos digitais (multitarefas) não necessariamente têm plena capacidade de se autogerenciar no ciberespaço, mas precisam aprender e exercitar uma cidadania digital.

4470

Independentemente das contribuições particulares dos estudiosos sobre a moralidade, é notório o papel das interações sociais para o desenvolvimento moral dos adolescentes, para a evolução do juízo e da competência morais, em prol de uma autonomia moral. Ou seja, não cabe tratar a educação moral dos adolescentes como algo desconectado das interações sociais que se estabelecem em diversos contextos, inclusive naqueles que minimizam ou maximizam as condições de vulnerabilidade.

## ADOLESCENTES E CULTURA DA VAIDADE

Compreender o adolescente em sua integralidade e diversidade, bem como as interações que estabelece é de fundamental relevância quando se projeta uma sociedade formada por adultos bem desenvolvidos, seja academicamente, seja moralmente. Acompanhar as rápidas transformações do mundo contemporâneo, em termos de tecnologia e sustentabilidade, e perceber como o adolescente participa delas, como ele se sente, pensa e age, torna-se condição para propor uma educação adequada. Entende-se, assim, que o cuidado do adolescente é de interesse estratégico por parte daqueles que genuinamente se dedicam ao bem comum, pois nele

reside uma potência de caráter que se desdobrará ao longo de sua biografia e marcará suas interações sociais.

A adolescência é caracterizada por ser um período em que o adolescente sofre profundas transformações físicas e psicossociais, uma vez que deixa a condição de criança e gradativamente se aproxima da condição de adulto. Segundo Piaget (1999), por volta dos 12 anos destaca-se o pensamento operatório formal, a capacidade de raciocínio abstrato, reflexão propositiva, dedução e elaboração de hipóteses. Ou seja, no que se refere ao desenvolvimento cognitivo, a adolescência instrumentaliza o indivíduo a pensar a realidade de outra maneira, a refletir sobre si mesmo e suas ações e, assim, a superar seu egocentrismo juvenil (inteligência como condição necessária para o desenvolvimento moral).

Além disso, Damon (2009) define a adolescência como uma “baldeação” rumo a uma autoidentidade e defende a importância de os adolescentes gastarem tempo pensando no futuro e procurando oportunidades que correspondam a seus interesses. Em consonância, Guhur, Alberto e Carniatto (2010), ao investigarem o significado do exame vestibular para os adolescentes, explicam que isso ocorre quando estes se veem muito indecisos quanto à sua própria identidade. Esses autores também citam os “lutos” vivenciados pelo adolescente no campo afetivo, cognitivo e social: 1- luto pelo corpo infantil; 2- luto pela quebra de dependência familiar; e 3- perda da fantasia da família ideal e busca por uma nova identidade em outro contexto social (grupo), com marcas específicas (gestos, roupas, linguagens) de igualização com os pares. Assim, importa ressaltar as peculiaridades da adolescência como etapa do desenvolvimento humano, marcada pela transitoriedade. A questão é o que surge a partir desse “transitório”, para o próprio adolescente e para aqueles com os quais interage.

4471

É certo que a adolescência desemboca na vida adulta, com ou sem a construção de um projeto de vida. A respeito desse tema, Damon (2009) aborda a autoria de projetos vitais nobres por parte dos adolescentes, um propósito para seus atos e que seja constituinte de sua identidade. Esses projetos vitais nobres não seriam projetos de felicidade individuais, mas sim de caráter coletivo (de maior valor moral), caracterizados pela intenção de fazer a diferença no mundo e contribuir para a sociedade. Atualmente o grande problema é a sensação de vazio (insegurança, ansiedade) nos adolescentes, sendo que deveriam definir seu rumo e agir para tal. Eles vivem a tensão entre o que é gratificante (mundo do trabalho) e o que é significativo (próprios sonhos e ideais), uma indecisão que tem resultado em amadurecimento tardio. De acordo com o autor, a consciência do adolescente atual de que terá de fazer a transição para a vida adulta pode causar

ansiedade/depressão ou mesmo uma paralisia. Nesse sentido, preocupa saber que, na maioria dos casos, falta ao adolescente uma dedicação séria a uma atividade que venha de um projeto vital sincero, que dê significado e direcionamento à vida. Logo, diante de uma sensação vazia ou indecisão, há um forte indício da vulnerabilidade dos adolescentes a fatores manipuladores externos.

Também é relevante tratar sobre a questão geracional que envolve os adolescentes considerados nativos digitais. Kadooka e Lepre (2018) esclarecem um fenômeno recente de incomunicabilidade entre os nativos digitais e os adultos próximos que servem como modelo/autoridade: no que se refere à internet, redes sociais e novas tecnologias, o adulto perde sua hierarquia em relação à criança/adolescente, e invertem-se, então, os papéis (“o adulto não sabe”, “a criança ou o adolescente sabem”). Entretanto, no desenvolvimento da moralidade, na noção piagetiana, a criança depende de uma relação assimétrica com o adulto/autoridade, que é quem transmite a regra (valor moral). A convivência de gerações distintas em suas estruturas de pensamento, influenciadas em diferentes níveis pelas novas tecnologias digitais, está mais para um não-encontro, ou mesmo um embate. Logo, os nativos digitais interagem menos com pais e professores (estão mais solitários), apresentam baixas resiliência e volição, são imediatistas e individualistas, estão mais infelizes (nunca se satisfazem, tudo é chato) e mais dependentes (menos experientes).

4472

Nessa tendência de diminuição de interações humanas face a face, Twenge (2020) aponta uma correlação entre o aumento dos casos de depressão, automutilação e suicídio desde 2011 entre adolescentes americanos e aumento do tempo gasto com tecnologia e o ciberespaço. A propósito, essa autora cunhou o termo “iGen” para identificar a “geração smartphone”, uma geração de adolescentes cada vez mais solitários, que vem amadurecendo mais lentamente que as anteriores, e menos preparados para a vida adulta. Esse termo “iGen” (“I generation”: “geração do eu”) remete ao sentido do “eu” do adolescente não somente pelo viés da solidão ou isolamento das relações humanas, com provável maior interação com a máquina/tecnologia, mas também pelo viés do “self” (“eu”, “próprio”), expresso pelo comportamento agora habitual de “tirar uma selfie”, uma fotografia de si mesmo para publicação nas redes sociais on-line.

É inegável a preocupação de boa parte dos adolescentes com a sua imagem perante os olhos dos outros. O uso exacerbado da imagem, a apologia às selfies, revela a necessidade de mostrar que se quer uma suposta felicidade do outro, mas isso não significa que haja o genuíno interesse de tal felicidade, inclusive consigo mesmo, pois nas redes sociais on-line não faltam

sorrisos “amarelos” de pseudofelicidade em cenários inspirados no luxo (e muitas vezes também na luxúria); é muito mais uma questão de exibicionismo, um apelo ao consumismo, uma cultura da vaidade e do espetáculo (LA TAILLE, 2009).

Num mundo cheio de câmeras e holofotes, no amálgama do espaço real com o virtual, no limite tênue entre o que é privado e o que é público, o adolescente é tolhido de ser simplesmente quem é, ou define uma versão paralela de si mesmo, quando expõe seu “avatar pseudofeliz”, que é a versão imagética pela qual é julgado no ambiente virtual, onde faz a publicização de si. Tal superficialidade e esvaziamento de si estão entranhados na vida dos adolescentes, que tendem a jogar para segundo plano as figuras de autoridade (grandes pensadores, artistas, pesquisadores etc.), tão importantes como referência no momento de constituição de sua identidade. Através do grande sucesso e visibilidade, as celebridades (youtubers, digital influencers etc.) tomaram o lugar das autoridades e passaram a ser os ídolos dos adolescentes. “Deve-se estar atento ao contexto no qual evoluem as crianças e adolescentes, inclusive o fato de estarmos educando em uma ‘cultura da vaidade’” (LA TAILLE, 2009, p. 276).

Em síntese, os adolescentes passam por grandes transformações, mas seu amadurecimento está cada vez mais atrasado e manipulável (vulnerável, portanto), uma vez que há incertezas e sofrimento no momento de delinear um projeto de vida, num contexto de diminuição das relações humanas face a face e aumento de interações virtuais alinhadas à cultura da vaidade.

4473

## DISCUSSÃO

### A CULTURA DA VAIDADE INTENSIFICA A VULNERABILIDADE DOS ADOLESCENTES

Etimologicamente, “vazio” e “vão” são as noções que deram origem à palavra “vaidade” (*vanitas*, do latim: vacuidade, futilidade). Como já exposto, a vulnerabilidade é inerente à condição humana, pois, para além da suscetibilidade corpórea, estamos sujeitos ao cuidado, dependência ou ameaça de outros. A transitoriedade que caracteriza a adolescência também serve como precursora de vulnerabilidade. E em tempos nos quais o virtual não é menos real, o ciberespaço permite interações sociais que tornam os adolescentes mais vulneráveis. Assim, de que maneira a *vanitas* intensifica a *vulnus*, ou seja, como a cultura da vaidade intensifica a vulnerabilidade de um adolescente?

Considerando que a saúde é um direito humano e significa um estado pleno de bem-estar físico, mental e social, pode-se afirmar que muitos adolescentes não estão saudáveis. E violar a qualidade de vida significa fomentar a vulnerabilidade deles, uma vez que as feridas sentidas na carne/corpo (vulnerabilidade inerente) e as ofensas que resultam de aspectos sociais, econômicos e políticos (vulnerabilidades situacional e patogênica) inviabilizam a construção de uma personalidade autônoma. Logo, quanto mais vazios e fúteis forem os adolescentes (doentes, em sentido amplo), mais vulneráveis estarão.

O sentido de vazio associado à vaidade também pode se associar à adolescência, principalmente se houver indecisão, solidão, ansiedade, depressão ou paralisia durante essa fase peculiar do desenvolvimento humano marcada pela transição, por “lutos”. O protagonismo do adolescente, impulsionado por um projeto vital nobre, preenche sua vida de significado e o ajuda a desenhar conscientemente um fio condutor à vida adulta. Minimizam-se, assim, as fragilidades situadas no polo do incerto-solitário-estático, além de se maximizarem as potencialidades situadas polo do propósito-coletivo-dinâmico, em um hipotético espectro comportamental dos adolescentes. Harmônico seria se a expressão biológica inevitável de mudança do corpo físico na adolescência, rumo à fase adulta, fosse sintonizada com uma expressão de transformação psicológica e social saudável, independentemente das interações construídas, do ambiente ou de possíveis fatores manipuladores externos. Porém, essa harmonia no processo de construção da autoidentidade não é a norma, ainda mais na atual cultura da vaidade.

4474

Dentre as vulnerabilidades dos adolescentes destacam-se aquelas decorrentes de interações através das NTICs. Em termos de desenvolvimento humano, a qualidade de tais interações é questionável, pois podem acentuar traços de autocentração, seja pelo aumento da relação com a máquina e/ou inteligência artificial, seja pela diminuição das relações humanas face a face. Além disso, a vulnerabilidade social/situacional no ciberespaço, no uso das redes sociais on-line, é um fato, porque não é possível garantir que esses ambientes sejam seguros nem estritamente benignos às pessoas. Há um bombardeamento de imagens, áudios e vídeos que geram uma condição de dependência nos adolescentes, apelo constante ao consumo, idolatria das celebridades, entre outras consequências que os vulnerabilizam intelectualmente e moralmente. O objetivo aqui não é negar os benefícios das NTICs em diferentes áreas de atuação humana, inclusive quanto à acessibilidade no uso dos meios comunicação e informação, mas ressaltar que há um padrão sociotécnico: as tecnologias são socialmente configuradas, ao mesmo tempo em que as sociedades são tecnologicamente construídas (von LINSINGEN, 2007). E tal construção

tecnológica da sociedade, sobretudo dos adolescentes, está sendo fundamentada na cultura da vaidade e do espetáculo (LA TAILLE, 2009).

Portanto, se observa que um projeto de vida na adolescência que estruture a construção da autoidentidade está cada vez mais incerto. Falta propósito, falta sentido: *vanitas*. Além disso, nota-se o estado de vulnerabilidade dos adolescentes, por conta de sua condição humana e transitória, bem como pelo contexto tecnológico atual que praticamente lhes exige interagir também no ciberespaço. Falta protagonismo, falta autonomia: *vulnus*. Mais vazios, os adolescentes sofrem mais. Em outras palavras, a cultura da vaidade intensifica a vulnerabilidade dos adolescentes.

## A CULTURA DA VAIDADE PREJUDICA O DESENVOLVIMENTO SOCIOMORAL DOS ADOLESCENTES

De acordo com La Taille (2009), o conceito vaidade é estranho à dimensão moral, pois o vaidoso cuida do espetáculo que pretende dar de si para obter a admiração alheia, o que marca uma dependência unilateral do juízo do outro (heteronomia). E conforme dito anteriormente, o desenvolvimento moral de um indivíduo é essencialmente social, pois se dá por meio de interações; interações estas que promovem aprendizagens. Os adolescentes inevitavelmente 4475  
interagem e aprendem, mas a qualidade de suas interações pode ser discutida, pois tendem a ser mais frequentemente com uma máquina ou robô do que com um ser humano. Logo, de que maneira a cultura da vaidade prejudica o desenvolvimento sociomoral de um adolescente?

O desenvolvimento moral é intrinsecamente social, por isso pode-se considerar que é um desenvolvimento sociomoral. Com os adolescentes isso não é diferente. Estes se constituem através de interações, sofrem as influências do meio (em condições de vulnerabilidade, inclusive), mas reciprocamente o modificam, construindo novas aprendizagens intelectuais, sociais e morais. Tal traço social do ser humano contrasta com comportamentos heterônimos e egocêntricos, já que juízos em que predominam valores universais e ações voltadas ao bem coletivo apresentam maior valor moral. Sendo assim, o adolescente que se projeta para contribuir socialmente precisa se constituir enquanto ser humano para conviver. Solução de problemas de forma dialogada e cooperativa, respeito mútuo, senso de empatia e assunção de responsabilidade são algumas características coerentes com um desenvolvimento sociomoral mais elevado.

A atual geração de nativos digitais, a “geração do eu” (TWENGE, 2020), com tanto tempo de suas vidas destinado ao uso de artefatos tecnológicos e imersos no ciberespaço, ou

mesmo metaverso<sup>4</sup>, estão mais propensos a reforçar a cultura da vaidade. Nela, *smartphone, big data, selfie, filtros, posts, looks, poses, social media, cyberbullying*, entre outros conceitos, se integralizam, se definem como rotina e alimentam a sociedade de consumo. E mesmo em meio a tantos casos de ansiedade, depressão, automutilação e suicídio, que revelam vulnerabilidades graves dos adolescentes, muitas delas por não conseguirem se autogerenciar no ciberespaço, eles estão sendo empurrados para esse cenário de esvaziamento de si, via interações humanamente mais distantes e roboticamente mais frequentes.

Vale ressaltar que as relações interpessoais entre os adolescentes e outras pessoas estão diminuindo, o que lhes causam solidão, além de inviabilizar uma convivência em que haja trocas/aprendizagens de valores morais. Sem adultos que possam servir como uma autoridade moral, no processo de construção de sua autoidentidade, o adolescente fica vulnerável em seu desenvolvimento ao adotar celebridades como seus ídolos. Isso se justifica pelo fato de que na cultura da vaidade as celebridades representam o que é ser um vencedor (é bem-sucedido e com várias marcas de visibilidade), o que não se aplica para uma autoridade moral.

Assim, com base na perspectiva construtivista de que as interações constituem o indivíduo, pode-se afirmar que o amadurecimento previsto para ocorrer na adolescência por meio da socialização está comprometido e é manipulável no contexto de apologia à tecnologia e ao consumo. Ou seja, a cultura da vaidade prejudica o desenvolvimento sociomoral dos adolescentes.

4476

Em síntese, após a discussão sobre as vulnerabilidades dos adolescentes diante da cultura da vaidade e as implicações no desenvolvimento moral, conclui-se de maneira mais abrangente que a cultura da vaidade intensifica a vulnerabilidade e prejudica o desenvolvimento sociomoral dos jovens.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se for deliberado o projeto de intensificar a vulnerabilidade dos adolescentes, além de comprometer seus projetos de vida, criam-se as condições assimétricas, mas favoráveis para o exercício do poder e manutenção em estado de subserviência e heteronomia da maioria da população. Por isso, é importante que as instituições escolares, bem como as políticas públicas desenvolvam estratégias que vão desde a orientação dos pais ou responsáveis até o

---

<sup>4</sup> Tipo de mundo virtual que tenta replicar a realidade através de dispositivos digitais. É um espaço coletivo e virtual compartilhado, constituído pela soma de "realidade virtual", "realidade aumentada" e "internet".

desenvolvimento de programas comunitários, além de pesquisas sobre o assunto para articulações de novas propostas de intervenção aos riscos na adolescência. Trata-se de garantir os direitos dos adolescentes como são instituídos no ECA - Lei 8.069/90 (BRASIL, 1990). Cabe aos profissionais da educação, da assistência social e da saúde unirem-se para um objetivo comum: o enfrentamento das vulnerabilidades que prejudicam o pleno desenvolvimento dos adolescentes, na direção de ajudá-los a tornarem-se sujeitos críticos, protagonistas e conscientes de seus deveres e direitos legais, promovendo o exercício da cidadania e da autonomia.

## REFERÊNCIAS

BATAGLIA, P. U. R. **Esses adolescentes de hoje... podem discutir e vivenciar dilemas contemporâneos? As contribuições de Lawrence Kohlberg e Georg Lind.** In: LUCIENE REGINA PAULINO TOGNETTA; VANESSA FAGIONATTO VICENTIN. (Org.). **ESSES ADOLESCENTES DE HOJE....** 1ed. Americana: Adonis, 2014, v. 1, p. 1-15.

BATAGLIA, Patrícia Unger Raphael; MORAIS, Alessandra de; LEPRE, Rita Melissa. A teoria de Kohlberg sobre o desenvolvimento do raciocínio moral e os instrumentos de avaliação de juízo e competência moral em uso no Brasil. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 15, n. 1, p. 25-32, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/Lq64kGkRDfSxWV4HfQWdKZH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 mai. 2024.

4477

BORGES, Graziella Diniz. **Valores morais em alunos do Ensino Fundamental II e Médio do interior do Estado de São Paulo.** Dissertação (Mestrado em Educação). UNESP, 2017. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/borges\\_gd\\_me.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/borges_gd_me.pdf). Acesso em: 07 mai. 2024.

BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União:** Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm). Acesso em: 07 mai. 2024.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde do adolescente: competências e habilidades.** Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_adolescente\\_competencias\\_habilidades.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_adolescente_competencias_habilidades.pdf). Acesso em: 07 mai. 2024.

DAMON, Willian. **O que o jovem quer da vida.** São Paulo: Summus, 2009.

EISENSTEIN, Evelyn. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolesc. Saúde (Online)**, p. 6-7, 2005. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v2n2ao2.pdf>. Acesso em: 07 mai. 2024.

GUHUR, Maria de Lourdes Perieto; ALBERTO, Raiani Nascimento; CARNIATTO, Natália. Influências biológicas, psicológicas e sociais do vestibular na adolescência. **Roteiro**, v. 35, n. 1, p. 115-138, 2010. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/roteiro/v35n01/v35n01a07.pdf>. Acesso em: 07 mai. 2024.

KADOOKA, Aline; LEPRE, Rita Melissa. Nativos digitais: a influência das novas tecnologias no desenvolvimento moral infanto-juvenil. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente**, v. 9, n. 2, p. 153-174, 2018. Disponível em: <https://revistas.lis.ulusiada.pt/index.php/rpca/article/view/2717>. Acesso em: 07 mai. 2024.

KADOOKA, Aline; LEPRE, Rita Melissa; EVANGELISTA, Vitor. **Possíveis relações entre as novas tecnologias e o desenvolvimento moral de crianças e adolescentes**. Schème - Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas, v. 11, n. especial, p.185-226, 2019. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/scheme/article/view/8906/5690>. Acesso em: 07 mai. 2024.

LA TAILLE, Yves de. **Formação ética: do tédio ao respeito de si**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MACKENZIE, C.; ROGERS, W.; DODDS, S. **Vulnerability: New Essays in Ethics and Feminist Philosophy**. New York, NY. Oxford University Press, 2014.

MOSHMAN, David. Stages in Adolescence. **The Encyclopedia of Child and Adolescent Development**, p. 1-10, 2019.

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994 (1932).

4478

\_\_\_\_\_. **Seis estudos de psicologia**. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

TURIEL, E. **El desarrollo del conocimiento social: moralidad y convencion**. Madrid, Espana: Closas-Orcoyen, S.L. Poligono Igarsa Paracuellos del Jarama, 1984.

TWENGE, Jean M. Why increases in adolescent depression may be linked to the technological environment. **Current opinion in psychology**, v. 32, p. 89-94, 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S2352250X19300880>. Acesso em: 07 mai. 2024.

von LINSINGEN, I. Perspectiva educacional CTS: aspectos de um campo em consolidação na América Latina. **Ciência & Ensino (UNICAMP)**, v. 1, número especial, p. 01-16, 2007. Disponível em: <http://200.133.218.118:3537/ojs/index.php/cienciaeensino/article/view/150/108>. Acesso em: 07 mai. 2024.